

2.

A Prática Exploratória

2.1.

Ensinar, aprender e pesquisar¹: a prática exploratória como uma forma de estar na sala de aula.

Em uma pesquisa qualitativa na área de ensino escolar, a geração de dados pode ser feita de maneiras diversas, como dito na primeira seção deste trabalho. Mais do que isso, também pode ser feita de forma que pesquisador e pesquisado não sejam papéis fixos e intransponíveis. Essa forma de estar na sala de aula é conhecida como Prática Exploratória (doravante, PE) e pode ser entendida, nas palavras da professora pesquisadora Inés Kayon Miller, como:

[...]uma forma de estar em sala de aula que permite expandir aquilo que a gente normalmente já sabe. Os alunos, professores, o ser humano tem consciência, noção do que está acontecendo intelectualmente, psicologicamente, nas suas interações com o outro, mas quando os professores e os alunos ficam motivados por uma questão, quando se foca esse ‘estar em sala de aula’ em torno de alguma questão, essa convivência fica mais intensa, aguçada, atenta. (...) Um diferencial interessante da Prática Exploratória é que essa busca que poderia ser vista como uma pesquisa; não é uma busca solitária, ela é realizada idealmente, ela é mais frutífera quando envolve todo mundo. (...) A Prática Exploratória não é uma receita, um modelo. A Prática é uma forma de agir, de estar; por isso ela não é só restrita à sala de aula. (MILLER, Inés de Kayon, 2007)²

Por pretender ampliar os entendimentos sobre o sentimento do *medo* na sala de aula, nada mais justo e “frutífero” que esta seja uma pesquisa em que *todos* participem e em que *todos* descubram, juntos, formas de entender e lidar com o tema. Nessa abordagem, os dados não são “coletados”, mas construídos entre os participantes da vida em sala de aula. A geração de dados acontece a partir dos debates, do movimento intelectual que se dá em torno da questão proposta. Busca-se entender não exatamente *como* determinada coisa acontece na sala de aula, mas

¹ Título inspirado na dissertação de mestrado de Clarice Guedes de Sena – *Ensinando, aprendendo e pesquisando: professora e alunos trabalhando pelo entendimento da interação em sala de aula*, Puc-Rio, 2006.

² Entrevista cedida ao site Educação Pública, acessado pela última vez em 14/07/12.

o que acontece durante as aulas. Esta abordagem foi iniciada por Dick Allwright³ que, observando a comunicação entre professores e alunos, notou a necessidade de certa postura questionadora em relação a tudo o que acontece na sala de aula.

Assim, Prática Exploratória envolve (ALLWRIGHT, 2003):

1. praticantes (e.g. preferivelmente professores e alunos juntos) trabalhando para entender:
 - (a) o que eles *querem* entender, seguindo suas próprias agendas;
 - (b) não necessariamente *para* mudar;
 - (c) não primeiramente *através* de mudança;
 - (d) mas através da *utilização* de práticas pedagógicas normais como ferramentas investigativas, para que o trabalho pelo entendimento seja *parte* do ensino e da aprendizagem, não extra;
 - (e) de uma forma que não leve ao esgotamento, mas que seja *indefinidamente sustentável*;
2. com a finalidade de contribuir para:
 - (a) *o ensino e aprendizagem*;
 - (b) *o desenvolvimento profissional, tanto individual quanto coletivo*.

Para esta forma de aprender em sala de aula, os alunos também figuram entre os pesquisadores e, com a orientação do professor, tomam responsabilidade pelas descobertas assim como o próprio professor.

Seguindo os caminhos da PE, têm-se as APPE⁴ (Atividade Pedagógicas com Potencial Exploratório), que funcionam como meio de entendimentos para professores e alunos socializarem as percepções a respeito da vida em sala de aula. Uma APPE é uma atividade que, diferentemente dos questionários elaborados para composição de dados para pesquisa acadêmica, que costumam ser distanciados do cotidiano escolar e da prática do professor, faz com que a busca de entendimentos aconteça junto ao programa curricular da disciplina, sem que, para isso, sejam necessários rompimentos do cotidiano natural da sala de aula.

Ao longo da análise de dados da dissertação em questão, apresentarei a APPE criada com meus alunos para que se possa, além de perceber o movimento interativo da vida em sala de aula, construir uma espécie de *making of* das aulas,

³ Professor de Linguística Aplicada da Universidade de Lancaster, Reino Unido.

⁴ PEPA – *Potentially Exploitable Pedagogic Activities*

com as minhas percepções da turma sobre mim, os colegas e sobre as atividades de aula.

A Prática Exploratória, como dito na citação de Miller (2007), acima, está para além de um instrumento para geração de dados em pesquisa acadêmica. Como sugere o próprio nome, é uma *prática* que está voltada para a natureza dos relacionamentos e das experiências vivenciadas na sala de aula e também fora dela (SENA, 2006, p.13), sendo uma maneira de estar na sala de aula que pode durar quanto tempo for interessante para os participantes. Porém, uma vez conscientizado da perspectiva da PE, torna-se inevitável olhar para a sala de aula e não reconhecer a diversidade de coisas que acontecem a cada instante e cada interação – verbal e não-verbal. A PE tem como princípio a busca por *entendimentos* e não, destarte, a busca por *mudanças*, uma vez que os próprios *entendimentos* já se definam por si só como *um estágio de mudanças*, que pode ser perceptível ou não, tanto para o professor quanto para os alunos. O foco, então, está na *qualidade de vida* na sala de aula, que se pode entender como:

[...] a questão mais importante, tanto para a saúde mental da humanidade (e para a saúde mental do professor!), quanto para encorajar pessoas a serem eternos aprendizes ao invés de se ressentirem por terem passado anos de suas vidas como alunos “cativos”, perdendo para sempre a vontade de aprender (Allwright, 2003b:5 – apud SENNA, 2006, p.13).

Como creio que o medo tem função perturbadora da qualidade de vida na sala de aula, a PE funciona como via condutora e socializadora de entendimentos a respeito das descobertas que envolvem o tema. Voltarei a debater o funcionamento da PE à medida que analisar os dados da pesquisa.

2.2.

Como a PE pode contribuir para a percepção que nós temos sobre a sala de aula?

Quando proponho a questão acima como título da seção e a faço na primeira pessoa do plural, não é em vão. Por hábito, costumamos pensar que apenas os professores tem noção ampla das coisas que acontecem em suas aulas enquanto

que a visão dos alunos se restringiria a si próprios e/ou aos colegas de sala mais próximos. Ao adotar a PE, pretendo envolver os alunos, e a mim mesmo, em um processo de socialização mais ampla sobre os entendimentos que construímos em e sobre a sala de aula.

Trouxe, desde os tempos do primário, como narro no capítulo 1, uma ideia de que o meu mundo escolar, isto é, a minha visão de mundo, era isolada da dos outros. Percebia que as coisas que me aconteciam só eram percebidas por mim e nem sequer as professoras eram capazes de notar o quão angustiante era estar naquele lugar. Certeza também eu tinha de que a partir do momento em que eu me tornasse professor, seria capaz de ter uma visão abrangente do que acontecia com meus alunos durante as aulas.

Ao adotar a PE, fui me dando conta de que, ainda que houvesse uma boa intenção de minha parte, eu não era capaz de ser tão sensível e de compreender a vastidão de “mundos” e de visões diversas sobre cada acontecimento que se dava naquele pequeno espaço cúbico em que tantas pessoas conviviam. Lutei contra a pretensão de que ser um professor que se lembrava tão bem da sua vivência de aluno me tornaria diferente dos outros e, talvez, especial para os meus alunos.

Iniciei a pesquisa focando a relação bilateral aluno/professor e professor/aluno, desconsiderando, ingenuamente, o que os meus olhos não viam. Porém, a leitura de Allwright (2000) que trata da relação, na sala de aula, entre comportamento público e aprendizado privado⁵, me fez perceber que assim que reunimos pessoas em uma sala de aula, a questão torna-se claramente coletiva, no sentido de que essas pessoas têm de realizar seu aprendizado na companhia de todos os outros e, mais do que isso, diante de uma “público/plateia”. Porém, além do aprendizado, há uma questão altamente complexa, na qual muitas relações humanas estão em jogo, e não apenas a relação aluno/professor.

Assim, tudo o que fazemos em sala de aula é público. Exceto pensar e aprender. Pois era justamente pelo ato de pensar e não encontrar espaços – ou coragem – de expressão desses pensamentos – fosse por timidez, insegurança, introspecção – que acabei por criar a ideia de que todos os outros que me percebiam, o faziam mal. Como aluno, tive muito poucas experiências em que eu me destacasse positivamente. Como conclusão disso, cada vez mais recuava e

⁵ Título original “Classroom Language Learning: Public Behaviour, Private Learning”, 2000.

evitava a interação verbal com meus colegas e mesmo com as professoras. Até mesmo, e principalmente, o meu aprendizado se realizava de forma mais dificultosa, pelo *medo* da confirmação, pelos meus convívios da sala de aula, de que um mau desempenho meu compromettesse e/ou confirmasse a suspeita da minha falta de aptidão intelectual.

Faltou-me, durante todos esses anos, conceber que todos os outros que conviviam comigo não eram apenas uma plateia possivelmente cruel, mas também faziam parte do mesmo elenco e, possivelmente, traziam consigo uma visão própria de tudo o que viviam ali.

Allwright (2000, p.11) procura mostrar que mesmo quando o aluno se manifesta verbalmente em aula, perguntando ou respondendo questões a respeito do que está sendo apresentado pelo professor, isso não significa que ele esteja aprendendo mais que outros, mas sim, que está criando mais oportunidades de aprendizado. Afinal, o aprendizado real permanece como uma questão individual, algo que acontece ou não, dependendo do caso, na mente do aluno. Além disso, de uma mesma lição pode-se ter aprendido coisas muito diferentes, pois as percepções individuais são diferentes.

O que a consciência da PE causa sob a forma como olhamos para a sala de aula, é mais que uma mudança de foco ou de percepção, mas o início do entendimento de que há muito mais acontecendo na sala de aula do que os olhos de um professor são capazes de ver, seja ele muito experiente e/ou muito bem preparado academicamente. A *sala de aula* ganha, sob a ótica da PE, contornos de *sala de vidas*.

Quando somos capazes de criar oportunidades, não só para o aprendizado dos conteúdos curriculares, mas também para a manifestação dos entendimentos sobre o que acontece nas aulas, começamos a perceber que existe uma diversidade psicológica e intelectual que, uma vez conhecida e socializada, reconfigura a dimensão que dávamos antes àquele espaço antes compreendido como lugar de ensinar e aprender conteúdos escolares.

2.3.

Vidas conectadas: as relações dos alunos entre si e com o professor.

Falamos em sala de aula e, imediatamente, surge em nossa mente uma lousa, um professor ou professora diante de uma classe de crianças ou adolescentes, isto é, pensamos em professor e alunos. O que normalmente não fazemos é agregar a essa imagem da sala de aula, a iminente realidade de que as vidas de todos os que estão ali estão conectadas. A sala de aula não é formada por um grupo de indivíduos isolados uns dos outros (com algumas exceções, claro). Mas de um grupo de indivíduos que interagem entre si e influenciam uns a vida dos outros.

Parker J. Palmer (1998) se pergunta em seu capítulo sobre a cultura do medo na sala de aula “como e por que somos encorajados a nos distanciar dos nossos estudantes e das nossas questões, para aprender e ensinar distantes do que está em nossos corações?”. Ainda que o questionamento seja mais sensível do que a minha proposta inicial para a pesquisa, o foco da questão é de extrema importância para este trabalho.

O autor chama de medo o que nos distancia, nos desconecta dos nossos colegas, dos nossos alunos e de nós mesmos. Conta que, quando criança, teve uma vida escolar permeada pelo medo. O mesmo medo que fazem com que crianças que gostem de aprender, odeiem a ideia de escola (p.36). Conta também que, como professor, está em seu pior quando o medo toma conta de si, seja ensinando ainda que com medo dos alunos ou manipulando o medo que os alunos sentem dele.

Palmer parte da consciência de seu próprio medo para a constatação do medo que seus alunos provavelmente sentem – aliás, medos. “Medo de falhar, medo de não entender, medo de serem postos em situações das quais eles não consigam evitar ou se defender, de terem sua ignorância sobre algum assunto exposta ou de terem seus preconceitos desafiados, de parecerem tolos diante dos seus pares” (1998, p.37).

Ainda seguindo os apontamentos do autor, se entendêssemos o nosso próprio medo, seríamos capazes de superar as estruturas da desconexão a partir dos resultados do nosso autoconhecimento. Mais uma vez, a abordagem de

Palmer se propõe às questões psicológicas e afetivas das relações humanas. O que, ainda que não seja a minha proposta, não foge totalmente ao meu foco de pesquisa. Entretanto, ponho a questão do medo de lado como foco de pesquisa, enquanto todo o processo, desde as primeiras ideias até a redação final da dissertação, teve, ainda que involuntariamente, a função de tratar os meus medos. Isto é, além do processo de amadurecimento acadêmico, a construção da pesquisa possuiu um caráter de construção do meu autoconhecimento que me ajudou a compreender o que eu tanto temia.

Palmer indica que temos encontros nos quais o Outro esteja livre para ser ele mesmo, para dizer sua própria verdade, para dizer o que, talvez, nós não queiramos ouvir. Assim, o resultado é que mantemos, todos, nossa vida desconectada da dos outros. Convive-se um com o outro, porém, isolado em um mundo individual e inacessível (até certo ponto).

Como professores, pensando uns com os outros, sobre as condições dos nossos alunos, sobre as mazelas para as quais o nosso ensino, as nossas aulas deveriam oferecer cura, (PALMER, p.41) seguimos um “modo de tratamento” em que os tornamos em estereótipos de indivíduos que não pensam e não refletem a respeito do que vivem. Estão ali, em sala de aula, para assistir as aulas apenas. Dessa maneira, raramente somos hábeis em considerar que nossos alunos podem agir dessa maneira porque nós, os professores, utilizamos métodos que os tornam alheios ao que os acontece em aula, além da “transmissão” de conteúdos curriculares.

O autor questiona se “seria possível que o estado de ‘coma’ dos alunos seja induzido pelas condições da sala de aula e que, uma vez cruzado o caminho para um ‘novo mundo’, eles pudessem retornar à vida” (PALMER, p.42).

Com a proposta da PE de observar a vida na sala de aula coletivamente, isto é, envolvendo alunos e professor, somos capazes de por o questionamento de Palmer em foco e perceber que para além de professores expondo seus conhecimentos e alunos absorvendo suas fórmulas, a sala de aula pode ser um mundo de muitos seres capazes e engajados em refletir sobre o que vivem e abrir, aos professores, a possibilidade de reavaliar e reconstruir a sua prática.

Estamos em sala de aula por muitas razões além daquela que seria cumprir um programa disciplinar. Basta que criemos oportunidades para que novos

entendimentos sobre os entendimentos dos alunos venham à tona. E, certamente, seremos surpreendidos.

2.4.

Dando sentido às vidas da sala de aula.

Ao observar a sala de aula sob a ótica da PE, Dick Allwright (1996) aponta para as orientações que os alunos podem tomar para viver em aula. Segundo o autor, de alguma maneira, todos estamos em sala de aula sob uma conduta de sobrevivência.

Essa linha de conduta poderia ser dividida em três pontos: o desempenho escolar (ter bom rendimento nas notas), a harmonia social (manter laços afetivos entre os colegas de classe), ou ainda, a sobrevivência do ponto de vista escolar e/ou social.

Independentemente da conduta adotada, a postura e a interação de cada aluno estará diretamente ligada a ela e conduzirá a vida do aluno em relação às aulas e aos outros participantes da sala de aula (colegas de classe e professores).

Em minhas primeiras observações sobre a turma 1001, notei que para alguns alunos com bom rendimento escolar ou para os que apoiavam e eram solícitos às minhas propostas didáticas, essa postura parecia criar problemas no relacionamento com os outros colegas da turma. Poucos conseguiam conciliar o interesse pelas aulas de língua portuguesa à harmonia na relação com seus colegas.

Qualquer “desvio” da linha de conduta adotada pelos alunos leva, segundo Allwright, a um objetivo principal: a sobrevivência pessoal (sobrevivência do *self*, do Eu, da auto-imagem). Possivelmente, ainda sob as palavras do autor, o senso de preservação do *self* é mais associado à qualidade de suas amizades do que ao desempenho escolar. Nessas circunstâncias, podemos esperar, então, que os alunos ponham mais de suas energias na arena social.

Uma vez criada a possibilidade de que a interação e a vida na sala de aula fizesse parte das atividades de língua portuguesa, todas essas nuances das orientações pessoais dos alunos ganharam forma.

A princípio, quando solicitei a criação do diário de campo com os alunos por um período de um mês, me surpreendi com a assiduidade na confecção dos relatos. Porém, sob a luz da PE, encontro a possível justificativa: a atividade, ainda que sendo parte do conteúdo disciplinar para aquele bimestre, possuía um caráter incomum. Valorizava o ponto de vista de cada um e fazia, assim, com que todos se interessassem por se reconhecer ou não na perspectiva uns dos outros. Os relatos eram fontes, também, de autoconhecimento, uma vez que tratava da construção e socialização das identidades construídas em sala de aula.

2.5.

A reconfiguração do foco da pesquisa: pondo o medo de lado.

Aos primeiros meses de pesquisa, meu olhar era, de certo modo, redutivo para a sala de aula da turma 1001. Buscava uma forma de, em aula, perceber e/ou tornar possíveis atividades em que os alunos pudessem manifestar a forma como construíam a si e seus colegas e professores em seu discurso na sala de aula. Procurava o “medo” naquela sala de aula.

Diante disso, me senti impelido a ampliar o meu olhar para o que acontecia nas aulas e o que surgia nos dados de pesquisa. Não deixei o medo para trás, mas o pus de lado para dar lugar a uma outra questão.

Surgia um novo olhar para as relações que se estabelecem na sala de aula a partir dos textos que os alunos escreviam sobre as aulas. Um olhar que, por sua vez, mostrava o mesmo professor sendo retratado de formas diversas e alunos que, ainda que relatassem as mesmas aulas assistidas, notavam coisas também muito diversas, davam forma a diferentes papéis dentro de um mesmo status de aluno, envolvendo suas relações com o professor, com os colegas, com outros professores e consigo mesmo e, às vezes, trazendo para o status de aluno aspectos como os de seus status de cidadãos conscientes de direitos e deveres.

Assim, as relações entre o Eu e o Outro da sala de aula tornaram-se o foco da pesquisa.

“Colaboramos com as estruturas de separação porque elas prometem nos proteger contra um dos mais profundos medos do ser humano – o medo de ter um

encontro cara a cara com a ‘alteridade’”, afirma Palmer⁶. Com isso, dou-me conta do efeito de conexão entre as vidas dos participantes da turma 1001 que, porventura, a redação e leitura oral dos relatos de campo puderam criar. De alguma forma, talvez, a turma e eu não tivéssemos clareza do quão desconectados estávamos uns dos outros, até que a exposição/socialização dos relatos criava a oportunidade e conectava as vidas. Assistíamos e percebíamos, a cada leitura, que nenhum de nós estava invisível ou imune ao olhar do outro. Cada relato criado sobre a vida nas aulas de língua portuguesa mostrava o quão visíveis e às vezes fundidos, estávamos uns a vida dos outros.

Ao fim de todo o processo de construção de dados com os alunos, elaborei para a última avaliação⁷ guiado pela abordagem da PE, já que todas as questões advinham de trechos de relatos dos próprios alunos, o que fazia com que, além do processo de leitura oral⁸, novos entendimentos pudessem ser socializados, ainda que a intenção real da avaliação fosse verificar o aprendizado dos conteúdos trabalhados durante o bimestre.

Esses diários⁹ de campo tiveram a função de confrontar cada um de nós que estávamos nas aulas com o olhar do outro sobre nós, sobre o que, para cada um de nós, era alteridade. O enfrentamento cara a cara se deu por meio, repito, da elaboração e leitura dos diários.

⁶ *The Courage to Teach*, cap. II: “A Culture of Fear: Education and the Disconnected Life”, 1998.

⁷ Ver Anexo “Avaliação com Potencial Exploratório.”

⁸ Explicado na seção 4.3.2, “Diário de campo dos alunos”

⁹ Sobre o processo de construção dos diários de campo, ver seção 4.3.2 (Diário de Campo dos Alunos).